

## ***Demônios, os de Edgar Morin e os nossos***

Arthur Soffiati\*

MORIN, Edgar. *Meus demônios*. Tradução de Leneide Duarte e Clarisse Meireles. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997, 274 pp.

Edgar Morin nasceu e vive sob o signo da morte. A mãe dele, correndo risco de vida com a gravidez, tentou um aborto mas fracassou e ambos sobreviveram a um parto difícil. “Eu devia morrer para que ela vivesse, ela devia morrer para que eu vivesse (...) nasci na morte e fui arrancado da morte.” Assim se expressa o transintelectual francês em *Meus demônios*, seu último livro traduzido no Brasil. Com a perda da mãe, aos nove anos de idade, a morte irá marcá-lo pelo resto da vida, e não apenas por se tornar o tema de seu segundo livro, *O Homem diante da morte*, mas também por representar para ele um despertar de consciência semelhante àquele conhecido por nossa espécie em sua gênese. Morin como que repete, em escala pessoal, a grande tragédia do *Homo sapiens*. Da mesma forma, desde o nascimento, sua vida foi marcada pelas contradições. A princípio, influenciado por Hegel e Marx, ele tentou superá-las em sínteses. Mais recentemente, decidiu assumi-las como um de seus demônios.

*Meus Demônios* é a sua autobiografia intelectual. Nele, a vida das idéias não está divorciada da vida das experiências. Morin tem uma singular capacidade de transformar o vivido em conhecimento e de transportar o conhecimento para o vivido, num diálogo permanente. “Não sou daqueles que têm uma carreira, mas dos que têm uma vida.”, dirá. Dono de um estilo ágil e envolvente, Morin trata a complexidade de forma complexa, fala dialogicamente da dialógica, sem, contudo, incorrer no hermetismo. Embora extensa a gama de temas examinados no livro, três acabam por se destacar: a epistemologia, a ética e a política.

Em sua incessante busca do conhecimento, o intelectual distingue três fases do que chama as suas reorganizações genéticas. Na primeira, sob a égide de Hegel e Marx, ele busca a integração das verdades isoladas, das contradições e da dúvida, almejando ultrapassá-las em sínteses. Na segunda fase, correspondente às décadas de 1950 e 1960, opera-se em seu espírito uma revisão revolucionária e

---

\* Professor de “Sociedade e natureza” do Departamento de Serviço Social de Campos, Universidade Federal Fluminense.

renovadora que desemboca no esboroamento da crença na totalidade. O conhecimento não é mais total e sim fragmentado e multidimensional. Sua racionalidade não mais elimina ou supera as contradições, senão que as reconhece em sua irredutibilidade, o que o leva a abandonar a astúcia da razão hegeliana para consolidar uma ética de resistência à barbárie.

Possuído, desde a infância, por uma curiosidade insaciável e avesso ao dogmatismo, mesmo em seu tempo de militância no partido comunista, Morin reativa a dúvida no pensamento interrogativo e provincializa Marx. Sua autonomia transforma-se em independência. O autor se sente cada vez mais inclinado a exprimir suas idéias como livre pensador, fugindo das instituições e dos rótulos.

Nesta fase, complexifica-se a sua antropologia. Os mitos e o imaginário, entendidos pelo materialismo dialético clássico como superestruturas vaporosas, passam a ser considerados por Morin como parte intrínseca da realidade humana, ela mesma semi-imaginária. A partir de agora, o ser humano se define não só pela razão, pela ciência e pela técnica, mas também pela afetividade e pelo imaginário. Começam a delinear-se o seu pensamento planetário e os seus primeiros ensaios de diagnose da civilização.

Por fim, na sua terceira reorganização genética, uma nova revolução revolve inteiramente Morin por dentro. A complexidade suplanta a totalidade, expressando-se pelo tetragrama dialógico ordem/desordem/interações/organização. O simples não será substituído pelo complexo, antes passará a dialogar permanentemente com ele. Conquanto não se possa afirmar que Morin é o criador da teoria dos sistemas complexos, pode-se atribuir a ele a combinação criativa das teorias gerais dos sistemas, da cibernética e da informação, cujo resultado é uma concepção aberta que se vem denominando de teoria dos sistemas complexos.

Sistemas auto-eco-organizáveis a exigirem, para seu conhecimento, uma epistemologia também complexa em que o conhecimento olha para si mesmo e admite os seus limites. Ao mesmo tempo, a dialógica distingue-se da dialética. A racionalidade aberta passa a opor-se à racionalização. Na condição de sistemas complexos, as culturas e as sociedades humanas transformam-se em superestruturas com a infra-estrutura deslocando-se não para o econômico-social, como no marxismo, mas para o bio-físico. *O Paradigma perdido* e os quatro volumes até hoje publicados de *O método* expressam bem esta fase, que se inicia em fins da década de 1960 e se estende até hoje.

Intimamente articulada à epistemologia, sua concepção ética mostra-se também complexa. Ciente de que o individualismo exacerbado do mundo ocidental e ocidentalizado contemporâneo erodiu, e mesmo dissolveu, as éticas tradicionais fundadas na religião, na pátria e na família, Morin foi levado a construir sua própria ética. Em suas palavras, “A exigência ética impôs-se a meu espírito sem ter outro fundamento senão ela mesma. Assim, fundou-se em mim uma ética sem fundamento: uma auto-ética.” Esta, porém, não deve ser entendida como um conjunto de regras para sobreviver individualisticamente num mundo que soçobra.

A auto-ética de Morin se apóia tanto na sua concepção de ser humano quanto no que as determinações e os acontecimentos podem fazer dele. Mais ainda: na própria estrutura triúnica e bihemisférica do cérebro humano, que a um tempo foge do determinismo biológico e constitui uma questão crucial inevitável. “A consequência lógica é que a ética-para-si, sobretudo quando ela comporta a autocrítica, traz consigo, necessariamente, uma ética para o outro”, explica. Reconhece, inclusive, como necessário e não-eliminável, o egocentrismo existente em cada ser vivo, pois que confere ao ser humano um calo de indiferença a protegê-lo da dor, exatamente para lutar contra ela. Assim, há na vida moral uma parte amoral necessária ao exercício da moral.

Com base nessas premissas, a auto-ética de Morin aposta na fraternidade, na compaixão, no arrependimento, no perdão, na compreensão e na redenção pessoal, já que confessa ter perdido a esperança na redenção coletiva do gênero humano. Ele só odeia o ódio, despreza o desprezo, rejeita a rejeição, procurando sempre compreender as “fraquezas” e as razões das pessoas em seus atos. Um de seus valores éticos maiores é a amizade, sentimento transpolítico, transclassista, transétnico e transracial. Daí o seu repúdio veemente ao racismo, ao etnocentrismo e ao fanatismo e a sua esperança na concepção de Terra-Pátria como sucedâneo ao cosmopolitismo abstrato e míope que ignora a realidade das culturas. Acima de tudo, é preciso resistir à crueldade do mundo.

Se a epistemologia fundamenta a ética, ambas fundamentam a política que, por sua vez, retroalimenta a epistemologia e a ética num processo circular e complexo. Morin fez parte da resistência francesa contra o nazismo, filiado ao partido comunista. Mas repudiou veementemente o estalinismo quando a maioria dos comunistas, até mesmo os mais esclarecidos, racionalizaram-no com o intuito de transformá-lo no messianismo terreno. As dúvidas de Morin quanto a qualquer religião salvífica –terrestre ou celeste – cedo o afastaram de partidos e de grupos para transformá-lo num pensador itinerante e ousado que, como sucateiro e clandestino, circula do empírico ao teórico, do passado ao presente, da cultura humanística à cultura científica, sendo tudo e nada ao mesmo tempo, integrando saberes de diversas procedências ao seu saber transdisciplinar.

Passando ao largo da academia, ele aproveitou o que os especialistas produziram. No entanto, não os tem na conta de intelectuais. A seu ver, “só nos tornamos intelectuais a partir do momento em que tratamos – seja através de ensaio, seja por texto de revistas, por artigo de jornal, de maneira não-especializada e além de nosso campo profissional restrito – dos problemas humanos, morais, filosóficos e políticos.” Com esta concepção, tece críticas acerbas aos especialistas, que “são, isoladamente, indivíduos simpáticos, cada um dedicado à sua obra, mas sua união em sociedade transforma-os em monstros”. Mostra também quão frágeis e vazios são os especialistas fora de suas especialidades.

Com sua vivência/conhecimento em política, Morin adverte aos apressados em proclamar o fim da história que o capitalismo continuará gerando aspirações socialistas; que a degradação da ecosfera provocará movimentos cada vez mais fortes de proteção ao meio ambiente; que a artificialização do mundo suscitará erupções em defesa do humano; que o consumismo causará tanto

reações de *hibris* quanto de frugalidade e de mística; que, à barbárie, sempre se oporá o pacifismo; que o processo uniformizador da globalização acarretará o renascimento dos particularismos culturais.

Cultivando um ceticismo esperançoso sorvido em Montaigne, ele abandona as grandes utopias, mas julga possível a construção de uma “boa utopia”, num mundo de perdição, capaz de erigir uma ordem mais justa e mais livre em que reine um pacto entre os cidadãos, entre as nações, entre as gerações e entre a humanidade e o planeta.

*Meus Demônios* poderá levar o leitor não familiarizado com a linguagem dialógica de Morin a supor que ele apenas manipule com habilidade palavras e idéias, num exercício de jogo floral. Na verdade, o autor de *O método* está expressando a complexidade numa linguagem complexa. Morin não vive em cima do muro, mas nos dois lados do muro. Ele deixou para trás a modernidade mas recusou a pós-modernidade, se bem que reúna as contribuições de ambas para formular sua concepção de mundo. Os demônios de Morin são também os nossos. A diferença é que ele não tenta mais exorcizá-los. Bem ao contrário, procura compreendê-los e assumi-los, ao passo que a maioria das pessoas se esforça em trancafiá-los nos mais esconsos porões.